

Imagens de índios em O MALHO: a imprensa como mediadora de representações
Profa. Dra. Eunícia Barros Barcelos Fernandes*

Texto apresentado no XXIV Simpósio Nacional de História, São Leopoldo RS,
Seminário Temático *Os Índios na História: Fontes e Problemas*, 15-20 de julho de 2007

Favor citar corretamente!

Resumo:

A pesquisa que ora venho desenvolvendo procura mapear as imagens de índios em periódicos cariocas da Primeira República e *O MALHO* foi o primeiro a ser rastreado. A comunicação visa apresentar alguns resultados do trabalho, enfatizando a imprensa como um mediador cultural, tanto como receptáculo como propagador de representações. Apresentar imagens encontradas entre 1902 e 1930, limite temporal da pesquisa, assim como as reflexões derivadas, esclarecendo o ‘lugar de fala’ do periódico e sugerindo que ele assume a mediação na continuidade e/ou transformação de representações acerca dos indígenas por ser *lócus* de construção de um discurso sobre eles.

Palavras-chave: Índios – Imagens – *O Malho*

Abstract:

The research I come developing search to map the images of indians in cariocas’s periodic of the Primeira República and *O Malho* was the first one to be tracked. The communication aims at to present the results of the work, emphasizing the press as a cultural mediator, as much as stowage as spreader of representations. To present images found between 1902 and 1930, secular limit of the research, as well as the derived reflections, being clarified ‘place of speaks’ of the periodic one and suggesting that it assumes the mediation in the continuity and/or transformation of representations concerning the aboriginals for being *lócus* of construction of a speech on them.

Key words: Indians – Images – *O Malho*

O Malho foi uma revista publicada de 1902 a 1954 no Rio de Janeiro. Semanal, o periódico representou, junto com outras revistas e jornais, um incremento da imprensa ilustrada na então recente república brasileira. Assumiu um caráter eminentemente de crítica e sátira política, repleto de charges e caricaturas produzidas por expoentes de então como Kalixto – um de seus

* , professora do Departamento de história da PUC-Rio. O presente texto não poderia ser escrito sem a pesquisa das alunas Ana Toledo, Isabella Masini e Patrícia Grigório, assim como sem o apoio da FAPERJ. Faço aqui meu agradecimento.

editores -, Pederneiras e Leônidas, sendo significativo o uso que tais artistas fizeram de *figuras indígenas* para expressarem seus posicionamentos diante da sociedade em que viviam.

A pesquisa que ora venho desenvolvendo procura mapear as imagens de índios em periódicos cariocas da Primeira República e *O Malho* foi o primeiro a ser rastreado. A pesquisa articula-se a partir de três pressupostos principais:

a) A compreensão de que as referências hoje encontradas na sociedade brasileira acerca dos indígenas não são fruto exclusivamente das experiências contemporâneas ou de uma memória/herança dos primeiros contatos no período colonial, mas de um processo histórico que criou e recriou parâmetros, atualizando ou descartando elementos anteriores, reconstruindo significações;

b) A identificação de que o período da Primeira República é rico para a investigação desse processo tanto numa dimensão eventual como numa dimensão historiográfica.

c) A compreensão de que a imprensa ilustrada passa a desempenhar um importante papel a partir de fins do século XIX na consolidação de referências públicas e compartilhadas, sendo veículo fundamental na circulação de idéias e na construção de uma percepção de mundo no momento pesquisado. É preciso destacar o valor da *imagem como artifício mediador e consolidador de representações* quando consideramos os altos índices de analfabetismo e o intenso processo de imigração de indivíduos de outras línguas e, em especial, o valor da charge com seu poder de reflexão social.

Diante do exposto, a comunicação visa apresentar resultados da pesquisa, enfatizando a imprensa como um mediador cultural, seja como receptáculo ou como propagador de representações, através de imagens encontradas entre 1902 e 1930. Pretende-se explorar algumas reflexões sobre elas, esclarecendo o papel do periódico na mediação de representações acerca dos indígenas – como continuidade ou como transformação – por ser *locus* de construção de um discurso sobre eles.

Imprensa, mediações e imagens

A instalação da Imprensa Régia no Rio de Janeiro quando da chegada da Corte portuguesa em 1808 deve ser compreendida como marco na produção de periódicos no Brasil. Outro elemento importante de ser destacado para a pesquisa é o privilégio dos impressos políticos na formação de um perfil para as tipografias que surgiram a partir daquele momento. Ao desenvolvimento de periódicos e ao perfil político, para o tema imagético soma-se ainda o concomitante incentivo régio ao desenvolvimento artístico, sendo distintivas dessa disposição a Missão Artística Francesa e a criação da Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios.

Ainda que distantes da temporalidade de *O Malho*, tais dados não devem ser esquecidos quando pensamos na trajetória da imprensa brasileira e, mais pontualmente, no desenvolvimento da imprensa ilustrada ao longo do século XIX. A xilogravura, a litografia e mesmo a fotografia representaram a um só tempo índice de modernização técnica, mas também estratégia discursiva que será privilegiada na passagem do século XIX para o XX, fazendo casar a multiplicação de periódicos, a qualificação artística de profissionais e a dimensão política e crítica dos articulistas.

O crescimento da imprensa carioca ao longo do XIX transcorreu durante as formação e consolidação do Estado Imperial e os periódicos não escaparam dos interesses, disputas e diálogos políticos, expressando nas páginas de revistas e jornais, idéias circulantes na sociedade letrada. Nesse sentido, é vigorosa a participação da imprensa na divulgação de uma idealização acerca do indígena que se realizava: o movimento indianista. Da murça imperial às medalhas, passando por litogravuras e esculturas, o índio passou a freqüentar as representações do Brasil invadindo a imprensa e ganhando destaque em imagens, especialmente no traço caricatural como o de Angelo Agostini.

Certamente podemos afirmar que as preocupações e interesses em criar uma identidade ao recente Império frente ao concerto internacional das nações não faziam parte do conjunto da população. Do mesmo modo, o movimento romântico que alicerçou o indianismo era expressão

de um círculo de letrados. Observo aqui, entretanto, que tais propostas circunscritas a certos grupos tiveram na imprensa a porta para uma sua ampliação, costurando aos poucos uma hegemonia de sentido. Desde logo, então, compreendo a imprensa periódica, por sua frequência, baixo custo e grande circulação (devemos lembrar que jornais e revistas contavam com assinaturas em diversas Províncias, disseminando discussões e temáticas vividas na Corte), como um agente mediador de informações e idéias, articulando grupos de diferentes estratos sociais e interesses, criando uma comunidade de sentido.

Enquanto quadros como *O último Tamoio* e *Iracema* atingiam um limitado círculo exatamente por implicarem num restrito lugar de exposição e compartilhamento, os impressos periódicos chegavam às casas das pessoas, passavam entre amigos e diferentes membros da família, chegando inclusive em mãos escravas.

Assiste-se, na verdade, a um movimento múltiplo, pois a criação do ícone imagético não se separou do suporte onde o ícone circulava. Jornais e revistas materializavam no século XIX e no início do XX uma modernidade técnica que instigava uma alteração nas percepções de mundo. Pode-se mesmo dizer que a legitimidade conquistada pelos periódicos advinha não somente das idéias que faziam circular, reconhecidas como renovadoras e modernas, mas de serem eles mesmos signos de uma nova percepção de mundo. Como tais, os periódicos poderiam ser compreendidos também como mediadores de temporalidades, como instrumentos que traziam o futuro para o presente e distanciavam as formas de vivência do passado.

Materiais modernos também porque céleres, com uma rápida possibilidade de intervenção opinativa. Celeridade conquistada sem dúvida pela periodicidade da circulação, mas também por seus recursos gráficos. A imagem, exemplo de modernidade pelas inúmeras exigências técnicas, também era veículo de aceleração, pois sua compreensão é imediata. Esse registro é fundamental quando se fala em mediação, pois a imagem incorporava na comunidade de sentido uma grande maioria tradicionalmente excluída das discussões: os analfabetos.

Revistas ilustradas, imaginário e *O Malho*

Uma nova sensibilidade era, então, estimulada e sua força era aproveitada através da crítica e do humor. Desde cedo as caricaturas marcaram a imprensa imperial e em fins do XIX pode-se dizer que elas possuíam um caráter fotográfico-pedagógico, pois o desenho tornava familiares rostos e atitudes de políticos e celebridades, ‘ensinando’ a seus consumidores sobre os personagens retratados, além é claro, de valores e padrões (LUSTOSA: 1989, 56).

No Rio de Janeiro da virada do século assiste-se ao nascimento da caricatura brasileira, pois os profissionais estrangeiros passam a dividir lugar com um substantivo número de brasileiros, tais como Kalixto, Raul Pederneiras e J. Carlos. A ampliação do quadro de profissionais alude a uma também ampliação do número de revistas publicadas, fazendo-as engrenagem cultural basilar, não apenas por seu alcance e consumo, mas por aglutinar a maior parte dos intelectuais, escritores e desenhistas, de então. Nas suas redações ou nos cafés, um grupo ativo de letrados se arrogou intérprete e interventor na capital federal. Como ‘mosqueteiros intelectuais’ (SEVCENKO: 1985, 78-118), procuraram digerir as situações sociais, tanto dos políticos para com a população como da população para com os políticos, onde o surgimento do personagem ‘Zé-Povo’, transitando na pena de vários caricaturistas representava, segundo eles, as críticas e aspirações mais coletivas.

Seja pelo deliberado interesse e esforço de tais intelectuais como pelas peculiaridades do veículo impresso, os periódicos foram poderosa ferramenta na construção de referenciais sociais, e porque não dizer – numa enfática marca sobre as imagens – na construção de um imaginário social.

Sopesando tal dimensão é que se torna importante destacar que *O Malho* manteve um uso regular de imagens indígenas entre desenhos – notadamente as caricaturas -, fotografias e propagandas ao longo da Primeira República, fornecendo um intenso e variado repertório para agenciamento de seus leitores. Significa dizer que, junto a outras tantas referências, as imagens indígenas ali aparentes foram fermento na consolidação de um imaginário acerca dos índios.

Caricaturas de imensos índios como guardiões da cidade do Rio de Janeiro atualizavam, num novo contexto, o sentido de vigor elaborado no Império, como de outro modo a representação de políticos da Aliança Liberal em festim canibalístico, recriava desqualificações de selvageria.

Através de imagens, a revista costurava conceitos e preconceitos, mediando experiências pretéritas – como a idealização acerca dos Tupis no romantismo - e atuais – como a criação do SPI -, criando um repertório de percepções cada vez mais coletivizadas

Cabe aqui uma observação. A transformação da sociedade e os dilemas da cidadania republicana abriram espaço para criação de novos personagens emblemáticos que eram instrumento da crítica social e política, tais como o Zé-Povo e a mulata empregada. Alguns deles, como o Zé-Povo eram desenhados por vários artistas diferentes, exibindo tanto uma sociabilidade entre caricaturistas, como um compartilhamento de perspectiva, onde o personagem mestiço e miserável, permanentemente excluído se tornava moeda em circulação

Essa aparição de novos personagens construiu sem dúvida um novo cenário para a interpretação do lugar do índio nas folhas impressas e não se pode fechar os olhos para o fato de que alguns questionavam-se da validade na continuação do uso do índio como um símbolo nacional. Quanto a isso houve inclusive uma discussão aberta entre dois articulistas de *O Malho*, Kalixto e Pederneiras.

Em 1908, o semanário *Fon-Fon!* publicou considerações em torno do tema “A representação caricatural do Brasil”, tendo como ponto inicial, protestos dos caricaturistas Deodato Maia e Kalixto contra o uso de um indígena na função. O argumento de Kalixto é revelador: ‘nosso desenvolvimento progressivo diante de outras nações’ tornara a representação ultrapassada. Mas nem todos apoiaram. Raul Pederneiras, por exemplo, reivindicou o poder simbólico do indígena na representação do Brasil. Para sustentar seu posicionamento fez uma comparação. Afirmava que poderia se ter uma representação simbólica do Brasil com o indígena, assim como existia a ‘Britânia’ para Grã-Bretanha e se ter uma outra representação caricatural do povo como era o ‘John Bull’ no mesmo país, sugerindo o ‘Zé Povinho’ de Bordalo Pinheiro para ocupar tal posição (SILVA: 1990, 20).

Entretanto, mesmo considerando a multiplicação de personagens e um outro contexto de recepção receptivo aos leitores, percebo em *O Malho* uma insistente e contínua aparição de figuras indígenas e/ ou de seus caracteres na expressão das idéias e valores. Nesse sentido, discordo das

leituras de Isabel Lustosa e Mônica Velloso na afirmação de que a ‘cessão de lugar’ do índio aos novos personagens (VELLOSO: 1996, 28) representará uma ‘saída de cena’ do vigoroso índio do Império (LUSTOSA: 1989, 61). Em *O Malho* vejo não somente a manutenção de múltiplas representações de índios, ou seja, de uma quantidade, como também a manutenção de uma força nos significados que tais representações carregam,. Em outras palavras, ainda que os índios já não transitassem nas páginas periódicas com exclusividade para dizer das tensões e experiências político-sociais, eles permaneceram como importante chave de sentido.

Alguns exemplos

Em 3 de maio de 1902, quando a data ainda se conectava à comemoração da descoberta do Brasil, uma charge abriu a revista. Em meio a uma paisagem de praia e árvores, dois personagens conversam. De pé está Cabral e sentado sobre um tronco está o “O Brasil”, identificados pelo diálogo que segue abaixo da imagem. Cabral faz um comentário crítico dizendo que, passados muitos anos, “O Brasil” continuava despido, ao que o mesmo responde: “Que queres? Fui sempre despido de preconceitos e ambições...”.

Podemos lançar algumas pistas interpretativas. Observando a composição da imagem, se destaca o alto e o baixo, ou seja, o estar de pé e o estar sentado, e tais posições estão conexas, respectivamente, à crítica e ao criticado. Além disso, as roupas também criam uma oposição em imagem. Mais do que um discurso do estar vestido, estar despido, o colonizador se apresenta de modo elaborado, enquanto as referências que se atrelam usualmente aos indígenas são empobrecidas e ridicularizadas: seu cocar, por exemplo, aparece como tendo apenas três penachos que caem displicentemente. Como bem cabe à caricatura, a construção significativa da pobreza indumentária leva ao riso quando contrastada com cocares tradicionalmente apresentados como volumosos e altos quando da percepção de nobreza ou dignidade.

O diálogo que segue à imagem também pode ser investigado, fazendo-nos chegar a conclusões diversas, uma favorecendo e outra desfavorecendo uma percepção do Brasil. No primeiro caso, podemos interpretar que “O Brasil” dá a volta na posição inferiorizada, pois o personagem faz de seu malefício uma virtude. Ao deslocar o despido de roupas para o “despido de preconceito e ambições” podemos ler a humildade como valor positivo, abordando de uma outra maneira a situação de inferioridade sugerida pela imagem. A volta que sugiro pode ser complementada pela

articulação entre o deslocamento ‘sério’- a construção da humildade - e o riso. Os três penachos na cabeça se associam a um ar de pouco-caso do personagem, o que, junto ao texto, poderia afirmar que os valores expressos por Cabral não são lá os ideais, como poderia parecer aos incautos. Diferentemente do que professavam alguns, apresentava-se que estar despido não era um mal, levando a um questionamento do parâmetro professado, do modelo.

A pilhéria da volta realizada pelo personagem, entretanto, podia não agradar a todos. A mesma expressão de desfaçatez que, para uns, retira de Cabral sua importância e permite que o malefício vire virtude, pode ser, para outros, confirmatória de desqualificação do Brasil. A desconsideração pelos valores e/ ou parâmetros cabralinos pode levar à leitura de que o indígena/ “O Brasil” continua e continuará na posição inferiorizada. O ar de desdém unido à idéia de falta de ambição, poderia representar, em meio a desejos de modernização, um obstáculo. A representação do Brasil como índio, assim, confirmaria princípios evolucionistas e revelaria alguns dos desafios que a recente República deveria enfrentar.

Inferior? Oportunista? Driblador de situações? Que imagem de Brasil e/ ou de brasileiros se deseja levar para casa? Que imagem de indígena cada um de nós acaba por levar ao se deparar com aquela charge? A charge é metáfora: o índio ali não representa de fato as comunidades indígenas. Não se faz graça da nudez dos índios, mas da nudez de um país. Entretanto, o uso do índio inevitavelmente amalgama as referências a ambos: ao país e às comunidades indígenas. A blague de *O Malho*, por certo, não fundava o ‘herói sem caráter’ de Mário de Andrade ou o malandro do samba, mas ao permitir uma leitura de desfaçatez frente aos modelos europeus unida ao pouco-caso da imagem alimenta referências que, experimentados em inícios do século XX , podiam lograr possíveis conexões.

Do mesmo modo, os arquétipos do ‘bom selvagem’ e do ‘selvagem bravo’, cunhados muitos séculos antes, permaneceram abertos e dialogando com as experiências concretas de cada época. Em tal perspectiva, a charge de *O Malho* poderia também agregar sentidos. Veiculada na comemoração do “Descobrimento”, podemos supor que ela dizia mais de uma sensibilidade diante de modelos europeus do que propriamente refletia sobre o indígena: o eixo estaria na ausência de ‘ambição’ em ser como a Europa. Porém, ao corporificar “O Brasil”, ela poderia

também subsidiar uma idéia de descaso frente à civilização por parte dos indígenas. Tangencialmente viabiliza uma idéia de que os índios não desejavam a civilização. Diante das expectativas e princípios da época tal rejeição seria mais do que reprovável: criaria distâncias entre o ‘nós’ e o ‘eles’ e justificaria medidas de, digamos, “correção” dos costumes.

Quatro anos depois, na capa do mesmo *O Malho*[†], há outra charge e tem por título “O protesto do caboclo”. Nela vemos uma sala decorada com uma grande janela semi-aberta por onde se pode ver uma rua de cidade com prédios, pessoas, postes de lua, um carro, uma carruagem sendo todos vistos de longe. Três personagens estão na sala: “Brazil”, “Cidade do Rio de Janeiro” e “Passos”. “Brazil” está no centro e é um índio de bigode ralo, cabelos negros e lisos até um pouco abaixo dos ombros. Ele está vestindo paletó, calça e sapatos pretos, colete, camisa, luvas e gravata borboleta branca. Ele ajeita a gravata e com a cabeça para a direita fita os outros personagens com um ar de arrogância. No canto esquerdo do quadro, de perfil, olhando e se aproximando do índio *Brasil*, estão a *Cidade* – de coroa, vestido escuro cuja borda tem escrito “Cidade do Rio de Janeiro” – e *Passos* – bigode, barbicha, cabelos brancos e vestindo um terno mais simples que o de *Brasil*. Num canto do quadro, no chão, estão penas como se fossem as vestimentas do índio que acabara de tirá-las. Há entre os personagens um diálogo:

Passos: “Vês? minha querida! Tirei-te da lama da rotina, virei-te do avesso, civilizei-te... e o resultado é que o Brasil já pode aparecer encasacado aos olhos do mundo...”

Cidade do Rio de Janeiro: “Deveras, meu caboclo? Já te sentes bem nesses trajes civilizados?”

O Brasil: “Já, sim! Graças ao teu prefeito, ao Lauro, ao Frontin e mais alguns turunas dos Estados. Mas, toma nota: se continuarem as cenas vergonhosas, como essa da tua polícia com os dois ingleses na internada dos Afonsos, e essa indisciplina de S. Paulo contra o oficial francês, eu sacudo longe esta casaca e torno a ficar nu! Volto a folha de parreira... das penas. Não devo usar as de pavão, quando por esta forma me sujam o nome de homem civilizado...”

Não entrarei no mérito das “cenas vergonhosas” referidas pelo índio “Brazil”, mas vale comparar à charge de 1902. A vestimenta (ou ausência dela) volta a atualizar a tensão entre civilização e barbárie, mas diferentemente daquele anterior, o atual *Brasil* já se sente bem em trajes civilizados

[†] Em 16 de junho de 1906

e não desdenha deles, ao contrário, se exhibe mais garboso que os outros personagens da cena.. É certo que a discussão em pauta não diz de fato sobre os índios - fala da capital da República, do Bota Abaixo, da construção de uma vitrine para o país[‡] -, não sendo de fato os grupos indígenas a colocarem casaca. Mas ao se recorrer a uma sua imagem se perpetua a articulação entre primitivismo e índios onde a ameaça de voltar à nudez é o gancho. Num diálogo com 1902 podemos dizer que “O Brasil” ganhou ambições, pois já não estava despido, entretanto, o espectro do selvagem acompanha as referências que exibem os índios.

Sabemos que a imagem diz das transformações cidadinas empreendidas por Rodrigues Alves e Pereira Passos, mas se procurarmos descolar o objetivo imediato da charge e voltarmos nossa atenção sobre o que a imagem diz do índio veremos que não somente permanece o estigma do primitivismo como se respaldam ações: se desde Nóbrega se pretendia vestir a nudez nativa, essa vestimenta agora é a exigência de civilização. O Brasil é o índio, mas o índio deve deixar de sê-lo.

Bibliografia

- ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. *História da fotorreportagem no Brasil*. RJ: Elsevier, 2004.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas. O imaginário da República no Brasil*. SP: Companhia das Letras, 1990.
- DIOGO, Marcia Cezar. *O Rio em revista: a reforma Pereira Passos nas crônicas da revista da semana, d'O Malho e da Kosmos*. 1999. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, mimeo.
- FERNANDES, Eunícia Barros Barcelos. “Revistas e imagens: o índio representado na Primeira República”, In: *Anais do III Simpósio Nacional de História Cultural. Mundos da imagem: do texto ao visual*. Clicdata Multimídia, 2006.
- KUSCHNIR, Karina & VELHO, Gilberto. “Mediação e metamorfose”, In: *Mana. Estudos de Antropologia Social*. vol. 2, no. 1, abril 1996
- LUSTOSA, Isabel. “Humor e Política na Primeira República”, In: *Revista Usp: Dossiê 100 Anos de República*, n. 3, pp. 53-64, set.-nov./89.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia*. RJ: UFRJ, 1997.
- NERY, Laura Moutinho. *Cenas da vida carioca: Raul Pederneiras e a belle époque do Rio de Janeiro*. 2000. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, mimeo.

[‡] Cf. Margarida de Souza Neves. “Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX.”, In: DELGADO, Lucília Neves & FERREIRA, Jorge. *O Brasil republicano*, v. 1. RJ: Civilização Brasileira, 2003.

- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador*. SP: Cia. das Letras, 1998.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2^a. Ed.SP: Brasiliense, 1985.
- SILVA, Marcos A. da. *Caricata República. Zé povo e o Brasil*. São Paulo: Marco Zero, 1990.
- SIQUEIRA, Carla. “A imprensa comemora a República: memórias em luta no 15 de novembro de 1890”, In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 14, 1994
- SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras. Literatura, técnica e modernização no Brasil*. SP: Companhia das Letras, 1987.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro*. RJ: FGV, 1996.